

## O Chapeleiro e o Vento Catarina Sobral APCC



Mais uma vez, a ilustradora Catarina Sobral assume a criação de uma narrativa visual e textual. Desta feita, é a história de um chapeleiro e dos chapéus que cria com distinção, merecendo a admiração e fidelidade dos clientes. Acontece porém que o chapeleiro se confronta com uma incapacidade: nunca conseguira fazer um chapéu que se perdesse ou voasse com o vento. Aquilo que se revela aos olhos dos clientes como uma mais-valia pela sua funcionalidade, representa um handicap para o chapeleiro. Que simbologia haverá nesse voo? A resposta surge na narrativa visual, subtilmente, na cabeça de um menino de óculos que rompe com a perspetiva adotada para a composição das páginas pela proximidade com que é representado.

Tal como no seu álbum anterior, *Vazio* (Pato Lógico), Catarina Sobral explora através da imagem uma hipótese filosófica e emocional. Se em *Vazio* era de solidão que se tratava, poderá ser aqui de liberdade: a da infância, da memória lúdica, ou até da

persistência contra a ciência dos factos. O desenlace narrativo, que abdica em parte do texto, sugere diversos conceitos associados a este desafio: o do sonho, do desejo, da evasão... Apenas a poética melancólica do texto parece indicar uma complexidade quase existencial na arte de fazer chapéus: «Para as coisas perdidas na escuridão, fazia chapéus-lanterna. Para quebrar o silêncio, chapéus-piano. Chapéus altos para esconder as ideias, chapéus-de-lembrar para cabeças de vento, chapéus-de-esquecer para corações não correspondidos. Mas qualquer que fosse o modelo, o chapéu não se perdia nem era levado pelo vento.»

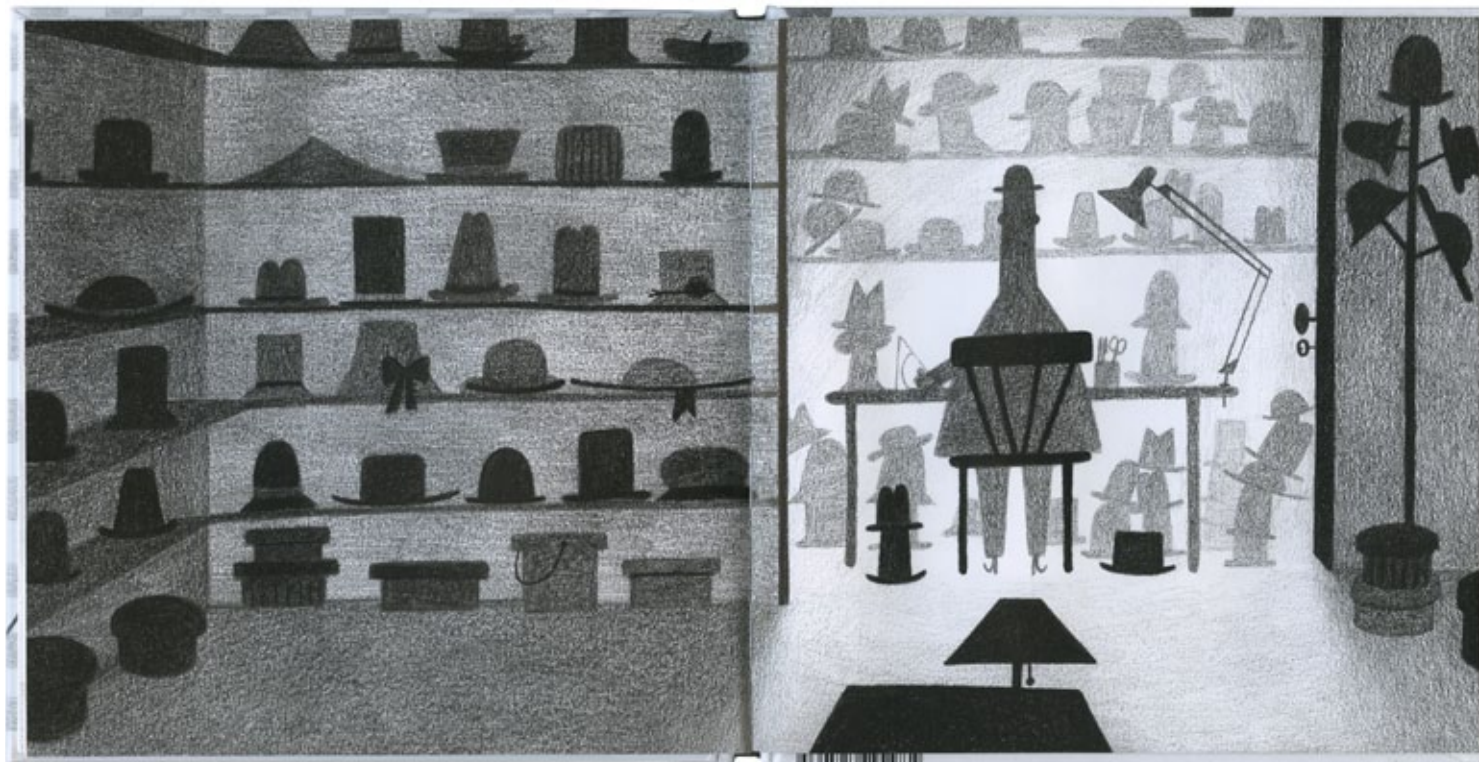
Ao contrário do que acontece nos seus títulos anteriores, a escolha da cor foi aqui muito frugal: toda a ilustração assenta em pretos, brancos e cinzas. Só a espaços aparece um pormenor azul ou amarelo. A exceção dá-se na imagem da praia, a sépia, como uma fotografia antiga que em suma representa a recordação, a prova de dias felizes. Catarina Sobral volta a demonstrar um

grande domínio da cor e da técnica em função do lugar onde deseja situar as suas narrativas. O efeito do carvão dos cinzas que preenchem os vazios de cor, em conjunto com o detalhe do traço na composição da chapelaria, com as suas prateleiras e clientes, colocam este lugar algures num passado cerimonioso e elegante. Não é de estranhar por isso a companhia de outras lojas (de malas, sapatos, a casa de chá ou a panificadora), assim como as roupas dos transeuntes que, obviamente, não dispensam o seu chapéu a par do sobretudo, do casaco, dos sapatos de salto, do laço ou da gravata. Todos os elementos contribuem para uma espécie de contexto verosímil para a narrativa, ampliando aqui e ali esse pretenseixo temporal, como a autora tão bem sabe fazer.

Por isso não é de estranhar a semelhança entre as figuras humanas deste álbum e dos anteriores, especialmente de *Vazio*, assim como a primeira imagem do livro – a praça com as suas lojas e os respetivos

# ESPELHO MEU

letterings – que remete o leitor para os espaços e as livrarias de *Achimpá*. Há um estilo cada vez mais inconfundível na ilustração de Catarina Sobral, que aqui se apresenta mais delicado e numa escala mais pequena, de acordo com as dimensões do próprio livro, o que também se lhe adequa tendo em conta a abordagem temática. Confirma-se que a geometria dos padrões assim como as molduras que enquadram situações ou personagens são essenciais na forma como escolhe o que dá a ver, parcialmente, e permite as movimentações nas páginas. As perspetivas jogam neste caso com o interior e o exterior para que os chapéus proliferem na sua diversidade. Há também sequências narrativas como a do cliente que vai à loja escolher o seu chapéu ou a do homem que procura algo entre as ervas do campo com ajuda da lanterna do chapéu (será a chave de casa?). Essas sequências, assim como a final, não permitem a quebra de ritmo que o texto na página branca da esquerda imprime. Esta



solução acontece apenas duas vezes: uma no início da história e outra para marcar o motivo da narrativa e enfatizar o momento do desenlace. As sequências alternam com quadros soltos, que ilustram as enumerações de texto e dão mais corpo à narrativa global. O ritmo da ilustração escapa-se à cadência do texto e impõe paragens, suspensões e

retrocessos. E o ritmo da poesia: por um lado harmonioso, por outro provocador de hesitações e respirações assoberbadas. Com *O Chapeleiro e o Vento* Catarina Sobral assume-se menos como contadora de histórias e mais como descritora de estados de alma, depois de se estrear num registo totalmente diferente, o do humor pela exploração linguística.

*O Meu Avô* continua por isso a ser o seu álbum mais completo, porque nele se reúnem essas duas tendências com o esmero de pormenores e diálogos surpreendentes. Todavia, a identidade criativa da ilustradora respira neste livro em cada página, em cada referência, em cada olhar. Numa singela e surpreendente discrição.